



RELICIA

## A RETOMADA DO CINEMA BRASILEIRO A PARTIR DA DÉCADA DE 1990<sup>1</sup>

*THE RESUMPTION OF BRAZILIAN CINEMA FROM THE 1990'S*

*Bruno José Yashinishi<sup>2</sup>*

### RESUMO

A chamada retomada do cinema brasileiro remete à década de 1990 quando, após um período de profunda crise deflagrada durante o governo de Fernando Collor de Melo (1990-1992), estruturou-se um novo sistema de incentivos fiscais à produção e distribuição de filmes nacionais que favoreceu uma fase de ressurgimento da cinematografia no país. Novos filmes, narrativas cinematográficas, estéticas fílmicas e uma nova indústria insurgiram no Brasil nesse período, caracterizando-o como um dos mais importantes da história do cinema e da área cultural brasileira. O presente artigo objetiva demonstrar a crise e a retomada do cinema no Brasil nos anos 90, bem como apresentar as principais obras que marcaram esse período e continuam influenciando a cinematografia nacional até os dias atuais.

**Palavras-chave:** retomada, cinema brasileiro, história do cinema.

### ABSTRACT

The so-called resumption of Brazilian cinema dates back to the 1990s when, after a period of deep crisis that erupted during the government of Fernando Collor de Melo (1990-1992), a new system of tax incentives for the production and distribution of national films was structured. which favored a resurgence of cinematography in the country. New films, cinematographic narratives, filmic aesthetics and a new industry emerged in Brazil during this period, characterizing it as one of the most important in the history of cinema and in the Brazilian cultural area. This article aims to demonstrate the crisis and resumption of cinema in Brazil in the 1990s, as well as to present the main works that marked this period and continue to influence national cinematography to this day.

**Keywords:** resumption, Brazilian cinema, cinema's history.

---

<sup>1</sup> Recebido em 14/10/2021. Aprovado em 23/10/2021.

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Ponta Grossa. yashinishibruno@outlook.com



RELICI

## INTRODUÇÃO

Durante os primeiros anos da década de 1990 no Brasil, o cinema nacional sofreu um duro golpe deflagrado pelo governo de Fernando Collor de Melo (1990-1992) que, logo após assumir a presidência da República, extinguiu alguns órgãos federais ligados à Cultura, como por exemplo, a Empresa Brasileira de Filmes S/A (Embrafilme) e o Conselho Nacional do Cinema (Concine).

O resultado dessas medidas foi uma profunda crise na indústria cinematográfica brasileira, que causou prejuízo na produção, distribuição e fomento de filmes nacionais. No entanto, após o afastamento definitivo de Collor em meio a um processo de *impeachment*, a partir de 1993, o cinema brasileiro viveu o chamado período da retomada, quando a promulgação da Lei do Audiovisual, bem como outras leis de incentivo à produção de filmes incentivaram o ressurgimento da indústria, das produções cinematográficas e, gradativamente, o apreço do público pelos filmes brasileiros.

Nesse artigo serão apresentados os processos históricos e sociais que levaram primeiramente à crise do cinema brasileiro no início dos anos 90, depois à retomada dos filmes em meados dessa década e, por fim, as principais obras que marcaram esse período e continuam influenciando a cinematografia nacional até os dias atuais.

## O CINEMA BRASILEIRO DURANTE O GOVERNO COLLOR

Entre o final dos anos 1980 e meados da década de 1990, a implementação do modelo econômico neoliberal na maior parte dos países latino-americanos levou à ruína das produções e indústrias cinematográficas da região:

As medidas restritivas aplicadas no México, no Brasil, e em menor medida, na Argentina, reduziram a produção conjunta desses três países de aproximadamente 200 títulos em 1985 (México e Brasil produziam entre 80 e 90 longa-metragens por ano), a menos de 50 em 1995. As políticas econômico-culturais de Carlos Salina de Gotari, no México, e de Fernando



RELICI

62

Collor de Mello, no Brasil, contribuíram diretamente para esse desastre (GETINO, 2007, p. 28).

No caso brasileiro, esse período coincide com o processo de redemocratização do país, quando, em 1989, ocorreu a primeira eleição direta para a presidência da República após duas décadas da ditadura militar. Naquela ocasião, Fernando Collor de Mello foi eleito presidente e, após tomar posse em 15 de março de 1990, anunciou o seu plano econômico que objetivava acabar com a inflação, o Plano Brasil Novo, conhecido como Plano Collor. Criou-se uma nova moeda e todos os depósitos bancários foram congelados por dezoito meses, configurando-se como um confisco, embora o governo promettesse a devolução após esse período.

Os acontecimentos posteriores agravaram as crises econômicas, políticas e sociais no Brasil:

A vida virou de pernas para o ar. Ninguém podia comprar, o consumo caiu e milhares de trabalhadores ficaram desempregados. Empresas quebraram, o país perdeu a capacidade de poupar, e a população compreendeu que ia precisar de sorte para enfrentar os meses seguintes: cancelou projetos pessoais, negociou a saúde em longas prestações e avaliou que seria difícil quitar suas dívidas ou saldar o carnê de mensalidades (SCHWARCZ; STALING, 2015, p. 604).

Essa crise generalizada, somada aos sucessivos escândalos no governo federal, levou à renúncia do presidente Collor em 1992 em meio a um processo de *impeachment*. Porém, durante os dois anos do mandato presidencial de Collor vários setores da sociedade brasileira sofreram abruptas mudanças. A área da Cultura certamente foi uma das mais abaladas com as reformas impostas pelo governo, principalmente a produção e a indústria cinematográfica nacional.

Ainda em 1990, Collor extinguiu alguns órgãos federais ligados à Cultura, como por exemplo, a Empresa Brasileira de Filmes S/A (Embrafilme) e o Conselho Nacional do Cinema (Concine). Essas decisões na época foram compreendidas por partes da sociedade como moralizadoras, no entanto:



RELICI

63

O resultado, porém, foi visto posteriormente como um golpe de misericórdia na produção e distribuição cinematográfica brasileira, que sem a alternativa da Embrafilme, sucumbiu a um cenário de quase total desaparecimento do mercado exibidor, atingindo o ponto mais baixo em 1992. Igualmente prejudicial foi a extinção do Concine, que atuava tanto no controle e fiscalização do mercado cinematográfico, quanto na regulação do lucrativo mercado do vídeo doméstico (FREIRE, 2018, p. 318).

A Embrafilme, criada em 1969, e a imposição de cotas de tela para o cinema nacional através do Concine contribuíram significativamente para o aumento do mercado cinematográfico brasileiro nas décadas de 1970 e 1980. Durante o tempo em que esses órgãos atuaram diretamente na produção e distribuição do cinema nacional, o número de filmes brasileiros lançados chegou a ultrapassar uma centena por ano, além da elevação da participação do cinema brasileiro para 30% entre 1980 e 1984 (GALVÃO, 2003).

No entanto, com o desmonte desses órgãos no governo Collor, foram extintos os instrumentos financiadores e regulatórios do produto cinematográfico nacional, o que abriu espaço para o cinema internacional nos anos seguintes. Para se ter uma ideia, o número de filmes lançados no mercado brasileiro durante os anos Collor foi pífio em comparação com períodos anteriores: 7 filmes em 1990, 8 em 1991, e apenas 3 em 1992 (GATTI, 2007).

Após o fim do governo Collor, o setor começou a se rearticular em diálogo com o presidente Itamar Franco e seu sucessor Fernando Henrique Cardoso e foi lentamente se reerguendo, principalmente com os editais públicos de fomento à produção e a promulgação de leis que permitissem o investimento por empresas públicas e privadas através da renúncia fiscal por parte do Estado, como a Lei Rouanet, de 1993 e a Lei do Audiovisual, de 1995.



RELICI

## A RETOMADA DO CINEMA NACIONAL NOS ANOS 1990

A expressão “retomada” do cinema brasileiro foi cunhada pela imprensa da época, no entanto, segundo Freire (2018, p. 319), “ela se restringia ao retorno à produção de filmes, enquanto que a retomada do público para o filme brasileiro mostrava-se muito mais difícil”.

Esse movimento chamado de “retomada” compreende o período de 1993 a 2003. Embora alguns estudiosos apresentem divergências quanto a essa demarcação temporal, afirmando que a retomada deu-se de 1995 a 2005, é certo que: “a produção brasileira voltou a crescer lentamente, saltando de cerca de 20 títulos em 1995, a algo em torno de 30 no final do século, atingindo entre 40 e 50 títulos anuais” (GETINO, 2007, p. 28).

Para compreender os motivos que alavancaram o cinema nacional nesse período é preciso entender as medidas tomadas pelo governo federal após o afastamento definitivo de Fernando Collor. Itamar Franco, que assumiu a presidência em 1992, lançou o Plano de Estabilização Econômica, objetivando combater os altos índices inflacionários e preparar a economia para a implantação e circulação de uma nova moeda.

Nesse processo de recuperação, na área de cultura, o governo aprovou a Lei nº 8.685, em 1993, conhecida como Lei do Audiovisual, que passou a ser utilizada, muitas vezes, em conjunto com a Lei Rouanet. Baseada no modelo de renúncia fiscal, a lei se sustenta em dois dispositivos principais. O primeiro permite às empresas que investem na produção de longas-metragens um abatimento no Imposto de Renda (com limite de 3% do total do imposto e teto de R\$ 3 milhões por projeto). O segundo dispositivo permite às distribuidoras estrangeiras em atividade no Brasil investir parte do imposto sobre a remessa de lucros na produção de filmes nacionais. (BORGES, 2007, p. 8-9).

Os efeitos concretos da Lei do Audiovisual só foram percebidos um ano após a implantação da nova moeda, o Real, que entrou em circulação em junho de 1994. A estabilidade econômica alcançada com o Plano Real permitiu que o então Ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, fosse eleito presidente da



RELICI

65

República em 1994. Com a relativa manutenção econômica e contenção da inflação houve uma melhora na indústria cinematográfica nacional.

Foi a partir de 1995 que o cinema brasileiro reconquistou seu espaço no mercado interno e teve seu reconhecimento internacional. Em 2001, Fernando Henrique, reeleito presidente em 1998, aprovou a Agência Nacional de Cinema (Ancine), agência do governo que regula o mercado cinematográfico no Brasil. Além disso, foram estabelecidas políticas de fomento ao cinema, como o Fundo de Financiamento da Indústria Cinematográfica Nacional (Funcine) e a Contribuição para o Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica Nacional (Condecine). Conseqüentemente, essas medidas promoveram a expansão do mercado de cinema no Brasil (BORGES, 2007).

O lançamento de filmes nacionais no cinema em números foi de 7 em 1994, 12 em 1995, 23 em 1996, 22 em 1997, 26 em 1998, 25 em 1999, 21 em 2000, 38 em 2001, 30 em 2002, 31 em 2003 e 50 em 2004 (GATTI, 2007).

### **OS PRINCIPAIS FILMES DA RETOMADA – 1ª FASE (1995-1998)**

O movimento da retomada foi marcado por filmes muito importantes na história do cinema brasileiro. A partir de 1995 com as positivas mudanças no setor cinematográfico, encadeadas pelas transformações políticas e sociais já supracitadas, algumas obras chamaram a atenção da crítica, da indústria e, principalmente do público.

A primeira fase da retomada vai de 1995 a 1998 e é marcada por produções de alto orçamento, com grande investimento em elementos técnicos e artísticos, bem como filmes premiados no Brasil e no exterior.

O filme “Carlota Joaquina, a princesa do Brazil” (1995), de Carla Camurati, fez 1,28 milhão de espectadores, superando os pouco mais de 270 mil do público total dos poucos filmes nacionais do ano anterior. O filme é considerado como



RELICI

66

histórico e, ao mesmo tempo, uma comédia satírica. O roteiro é de Carla Camurati e Melanie Dimantas e foi produzido pela Copacabana Filmes.

A trama conta a história de Carlota Joaquina (Marieta Severo), espanhola que aos 10 anos de idade foi prometida em casamento ao príncipe Dom João VI, de Portugal (Marco Nanini). Depois de assumir o trono, Dom João VI e a corte portuguesa se mudam para o Brasil em 1808 temendo a invasão de Napoleão Bonaparte.

Conhecida por ter vários amantes ao longo de sua vida, Carlota inicialmente se recusa a morar em terras brasileiras, mas cedendo à insistência do marido se muda para a colônia, onde também vive diversas relações extraconjugais. Após voltar a Portugal, Carlota deixa seu filho Dom Pedro I (Marcos Palmeira) como governador do Brasil.

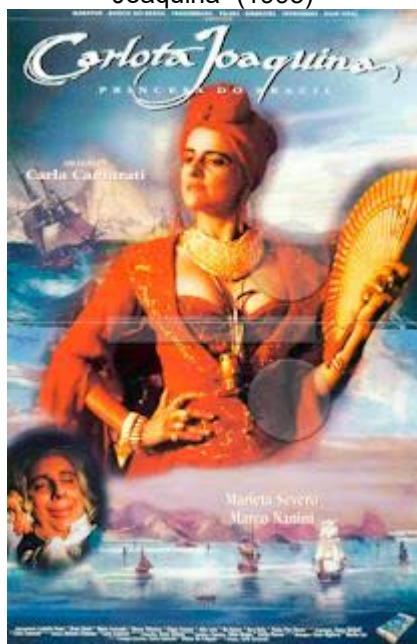
“Carlota Joaquina” ganhou popularidade por trazer elementos das chanchadas, apresentar atuações teatrais, além de contar com um elenco conhecido do público pelas telenovelas, como, além dos protagonistas, Vera Holtz, Ney Latorraca, Norton Nascimento, Antônio Abujamra, entre outros.



RELICI

67

FIGURA 1. Cartaz de cinema de “Carlota Joaquina” (1995)



Fonte: <<http://blogdorickpinheiro.blogspot.com/2015/12/recordar-e-rever-carlota-joaquina.html>>. Acesso em 09 out. 2021.

FIGURA 2. Marieta Severo, como Carlota e Marco Nanini, como Dom João VI



Fonte: <<http://blogdorickpinheiro.blogspot.com/2015/12/recordar-e-rever-carlota-joaquina.html>>. Acesso em 09 out. 2021.

Também em 1995, o filme “O Quatrilho”, de Fábio Barreto, inspirado no romance homônimo de José Clemente Pozenato, foi um grande sucesso do cinema brasileiro. Indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em 1996, o filme se passa no ano de 1910 em uma comunidade rural gaúcha habitada por imigrantes italianos.

Massimo (Bruno Campos) e sua esposa Pierina (Glória Pires) têm uma forte amizade com outro casal formado por Angelo Gardone (Alexandre Paternost) e Teresa (Patricia Pillar). No decorrer da trama, Teresa e Massimo acabam se apaixonando e decidem fugir para viverem seu amor proibido, deixando seus parceiros que vivenciam situações profundamente dramáticas.

Aclamado pela crítica, “O Quatrilho” aborda tabus, propõe um enredo transgressor, mas ao mesmo tempo é um filme encantador, com destaque para os figurinos, ambientação, fotografia e cenários.





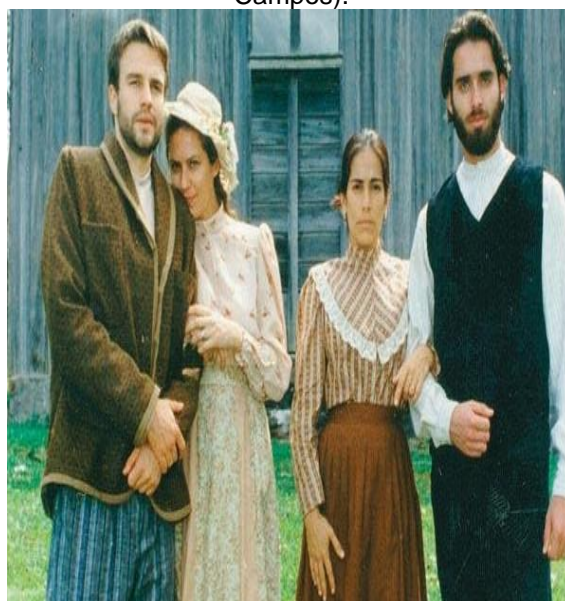
RELICI

FIGURA 3. Cartaz de cinema de “O Quatrilho” (1995)



Fonte: <<https://www.papodecinema.com.br/filmes/o-quatrilho/fotos/>>. Acesso em 09 out. 2021.

FIGURA 4. O elenco principal de “O Quatrilho”: Gardone (Alexandre Paternost), Teresa (Patricia Pilar), Pierina (Glória Pires) e Massimo (Bruno Campos).



Fonte: <<https://www.papodecinema.com.br/filmes/o-quatrilho/fotos/>>. Acesso em 09 out. 2021.

No mesmo ano estreia “Cinema de lágrimas” do renomado diretor Nelson Pereira dos Santos, com roteiro baseado em um conto de Silvia Oroz. No filme, Rodrigo Ferreira (Raul Cortez) é um notório ator e diretor de cinema, mas após o fracasso de sua última produção encontra-se muito abalado.

Somado a isso, Rodrigo é assombrado constantemente pelas recordações de infância do suicídio de sua mãe (Cristiane Torloni), que tirou a própria vida após assistir a um filme antigo.

Rodrigo não se recorda qual era o filme assistido pela mãe e obstina-se a encontrá-lo. Após conhecer Yves (André Barros), um jovem estudante de cinema, Rodrigo conta com sua ajuda e partem para a Cidade do México, onde na Cinemateca da universidade da capital mexicana assistem melodramas das décadas de 1930 a 1950, a fim de encontrarem o misterioso filme.

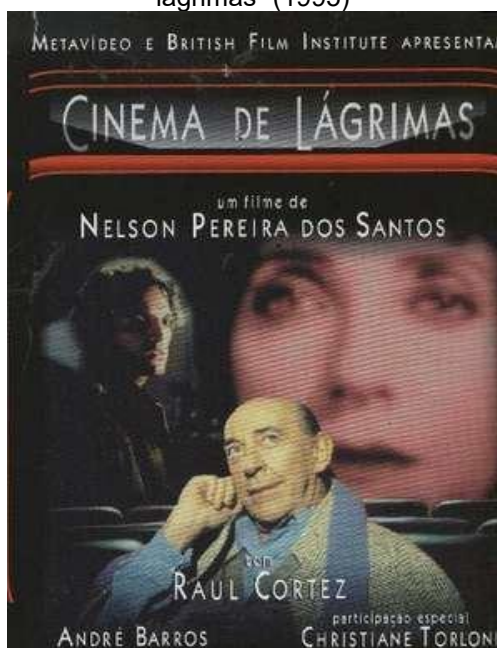


RELICI

69

“Cinema de lágrimas” é um filme belíssimo. Não se destaca apenas pelo bom roteiro e pelas atuações, mas também por ser um filme sobre o próprio cinema, sendo que foi realizado em homenagem ao centenário da primeira exibição pública de um filme feita pelos irmãos Lumière, em 1895, na França. A questão metalinguística é um ponto forte do filme, sobretudo ao tratar de assuntos intrínsecos à arte cinematográfica.

FIGURA 5: Cartaz de cinema de “Cinema de lágrimas” (1995)



Fonte: <<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-20872/>>. Acesso em 09 out. 2021.

FIGURA 6: Raul Cortez, como o diretor de cinema Rodrigo Ferreira



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=yнкA7UYf6S4>>. Acesso em 09 out. 2021.

Ainda em 1995, outro filme de grande destaque para a retomada do cinema brasileiro, que inclusive trata indiretamente desse movimento e dos processos históricos, sociais e políticos do período foi “Terra estrangeira”, de Walter Salles e Daniela Thomas.

Produzido pela VídeoFilmes, o filme se passa no Brasil e em Portugal durante o ano de 1990. Em São Paulo, Paco (Fernando Alves Pinto) mora em um



RELICI

70

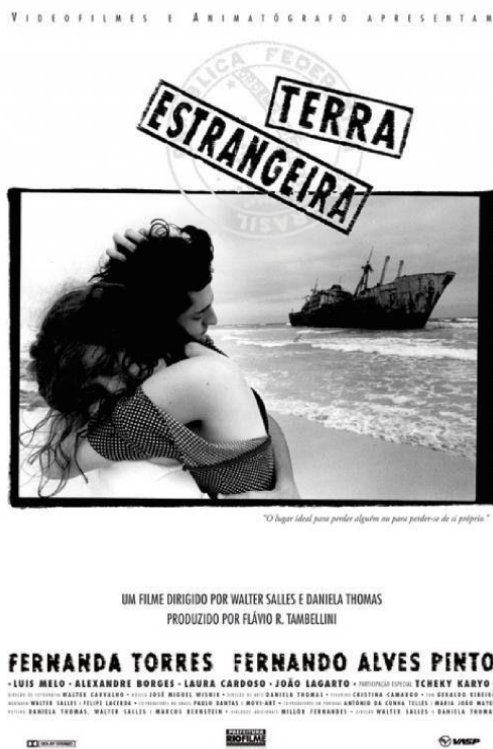
pequeno apartamento com sua mãe Manuela (Laura Cardoso), uma costureira descendente de espanhóis. O sonho dos dois é conhecer San Sebastian, na Espanha, terra originária de seus ancestrais. Porém, no dia 13 de março de 1990, após ver pela televisão o anúncio do confisco da poupança deflagrado pelo presidente Collor, Manuela fica muito abalada e morre subitamente. O jovem se vê sem dinheiro e sem rumo e começa a vagar pelas ruas da capital paulista.

Em determinado momento, Paco conhece Igor (Luís Melo), que lhe propõe a oportunidade de conhecer a Espanha, mas antes lhe confere uma missão de levar um misterioso pacote a um sujeito chamado Miguel (Alexandre Borges) em Lisboa, Portugal. Vendo uma nova oportunidade para sua vida, Paco aceita a missão de levar a encomenda para a Europa. Ao chegar a Lisboa, conhece uma jovem brasileira chamada Alex (Fernanda Torres), namorada de um contrabandista, para quem Paco deveria entregar a encomenda secreta. Paco e Alex tornam-se amantes e o filme decorre em acontecimentos trágicos e surpreendentes, envolvendo mistério, crimes, perseguição e reviravoltas. “Terra estrangeira” toca em questões profundamente dramáticas e existenciais. O sentimento de estrangeirismo vivenciado pelos personagens diante do contexto histórico da época, a sensação de não pertencimento a algum lugar, bem como a própria questão da identidade, além de temas como o contrabando são elementos marcantes da trama do filme.



RELICI

FIGURA 7. Cartaz de cinema de “Terra estrangeira” (1995)



Fonte: <<https://www.papodecinema.com.br/filmes/terra-estrangeira/fotos/>>. Acesso em 09 out. 2021.

FIGURA 8. Fernando Alves Pinto, como Paco e Fernanda Torres como Alex



Fonte: <<https://www.papodecinema.com.br/filmes/terra-estrangeira/fotos/>>. Acesso em 09 out. 2021.

Além desses filmes mencionados, outras grandes produções nacionais merecem destaque, como “Baile perfumado” (1996), de Paulo Caldas e Lírio Ferreira; “Guerra de Canudos” (1996), de Sérgio Rezende; “O que é isso companheiro?” (1997), de Bruno Barreto, entre outros. O que esses filmes têm em comum, embora muito diferentes quanto aos gêneros e temáticas, são suas abordagens sobre episódios da história do Brasil.



RELICI

## **OS PRINCIPAIS FILMES DA RETOMADA – 2ª FASE (1998-2005)**

A segunda fase da retomada do cinema brasileiro é compreendida por alguns autores no período de 1998 a 2005. Depois de escândalos financeiros envolvendo os filmes “O Guarani” (1996), de Norma Bengell e “Chatô, o Rei do Brasil” (iniciado em 1995 e estreado em 2015), de Guilherme Fontes, várias restrições e ajustes no processo de financiamento foram adotados. A Receita Federal e o Ministério da Cultura passaram a endurecer a fiscalização na captação de recursos para o audiovisual, o que acarretou a produção de projetos com baixo orçamento e documentários. No entanto, vários outros filmes grandiosos foram realizados nesse período. Aqui serão expostos alguns, selecionados sob os critérios de público e premiações.

Em 1998, o filme brasileiro mais comentado pela crítica nacional e estrangeira foi “Central do Brasil”, de Walter Salles. Foi o segundo filme com maior bilheteria no ano, superando o número de 1.590.000 espectadores, ficando atrás de “Simão, o fantasma trapalhão”, estrelado por Renato Aragão.

O filme retrata o encontro entre Dora (Fernanda Montenegro), uma professora aposentada que ganha dinheiro escrevendo cartas para pessoas analfabetas, no entanto, sem enviá-las a seus destinatários, e Josué (Vinícius de Oliveira), um garoto pobre e órfão de mãe, que sonha em conhecer o pai que vive no Nordeste. Josué pede ajuda a Dora, que inicialmente se mostra relutante, mas decide cuidar do menino e juntar-se a ele na busca por seu pai em uma longa viagem pelo interior nordestino.

“Central do Brasil” é uma história comovente e toca em questões como a marginalidade, a pobreza e as dificuldades da vida interiorana do Brasil. O filme foi indicado ao Oscar em 1999 na categoria de Melhor Filme Estrangeiro e Fernanda Montenegro foi indicada à categoria de Melhor Atriz. Além disso, o longa-metragem recebeu os prêmios de Melhor Filme Estrangeiro no Globo de Ouro, Urso de Ouro

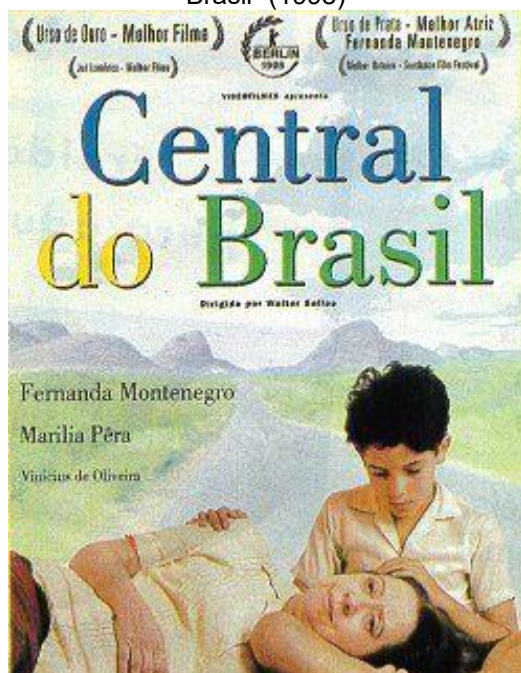


RELICI

73

como Melhor Filme e Urso de Prata na categoria Melhor Atriz para Fernanda Montenegro. Além destes, recebeu várias outras indicações e premiações em importantes festivais de cinema brasileiros e estrangeiros, mostrando ao mundo a potência do cinema nacional, tanto em questões da narrativa cinematográfica, quanto nas atuações.

FIGURA 9. Cartaz de cinema de “Central do Brasil” (1998)



Fonte: <<https://www.papodecinema.com.br/filmes/central-do-brasil/>>. Acesso em 09 out. 2021.

FIGURA 10. Fernanda Montenegro, como Dora e Vinícius de Oliveira, como Josué



Fonte: <<https://www.papodecinema.com.br/filmes/central-do-brasil/>>. Acesso em 09 out. 2021.

Em 1999, os principais filmes nacionais foram “Xuxa requebra”, de Tizuka Yamazaki; “Orfeu”, de Cacá Diegues e “Zoando na TV”, de José Alvarenga Jr.

No ano 2000, “O Auto da Compadecida”, de Guel Arraes, levou aos cinemas 2.157.166 espectadores em todo o Brasil, sendo a segunda maior bilheteria do ano, superada apenas por “Xuxa popstar”, estrelado pela apresentadora Xuxa Meneghel.

Adaptação cinematográfica da peça teatral homônima de Ariano Suassuna, o filme foi premiado no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro nas categorias Melhor



RELICI

74

Diretor (Guel Arraes), Melhor Ator (Matheus Nachtergaele) e Melhor Roteiro. Participou de importantes premiações internacionais, como o Cartagena Film Festival e Viña del Mar Film Festival, além de receber vários outros prêmios e indicações em festivais nacionais e estrangeiros.

A trama do filme se passa na pequena cidade de Taperoá, no sertão da Paraíba durante as primeiras décadas do século XX e apresenta as aventuras de dois sertanejos, João Grilo (Matheus Nachtergaele) e Chicó (Selton Mello). Essa dupla de amigos se envolve em diversas confusões e situações cômicas envolvendo outros personagens, como o padeiro da cidade e sua esposa (Diogo Vilela e Denise Fraga), o padre e o bispo (Rogério Cardoso e Lima Duarte), o coronel e sua filha (Paulo Goulart e Virgínia Cavendish), o cangaceiro (Marco Nanini), entre outros.

Depois de muitas peripécias, João Grilo e outros personagens do núcleo central são assassinados pelo cangaceiro, sendo levados ao julgamento celestial, onde são acusados pelo diabo (Luís Melo), julgados por Jesus Cristo (Maurício Gonçalves) e advogados por Nossa Senhora, a Compadecida (Fernanda Montenegro).

Além de ser uma adaptação teatral, o filme de Guel Arraes foi também uma versão condensada de uma minissérie televisiva, produzida e exibida originalmente pela Rede Globo de Televisão. O forte tom cômico e satírico, a força do enredo e o elenco de peso foram alguns dos principais fatores que contribuíram para o sucesso de “O Auto da Compadecida”, tanto na televisão, quanto no cinema.



RELICI

FIGURA 11. Cartaz de cinema de “O Auto da Compadecida” (2000)



Fonte: <<https://www.papodecinema.com.br/filmes/o-auto-da-compadecida/fotos/>>. Acesso em 09 out. 2021.

FIGURA 12. Selton Mello, como Chicó e Matheus Nachtergaele, como João Grilo



Fonte: <<https://www.papodecinema.com.br/filmes/o-auto-da-compadecida/fotos/>>. Acesso em 09 out. 2021.

Ainda no ano 2000, filmes como “Eu, tu, eles”, de Andrucha Waddington; e “Bossa Nova”, de Bruno Barreto, levaram milhares de espectadores aos cinemas.

Em 2001, o filme “Xuxa e os duendes”, de Paulo Sérgio Almeida, Rogério Gomes e Márcio Vito foi o recordista de bilheteria do cinema nacional, com mais de 2.650.000 espectadores. Outras produções de grande relevância e audiência foram “Tainá – uma aventura na Amazônia”, de Tânia Lamarca, Sérgio Bloch; e “Bicho de sete cabeças”, de Laís Bodansky.

Sem dúvida, o filme nacional mais importante de 2002, foi “Cidade de Deus”, de Fernando Meirelles e Katia Lund, baseado no livro homônimo de Paulo Lins, de 1997. Esse foi o filme brasileiro mais assistido do ano, com mais de 3.300.000





RELICI

76

espectadores no cinema, além de ser indicado ao Oscar 2004 nas categorias Melhor Diretor, Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Edição e Melhor Fotografia. Também venceu e/ou foi indicado em diversas categorias de importantes festivais de cinema, como o Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, o Festival de Havana, o Festival de Cartagena, Globo de Ouro, BAFTA, entre outros.

O filme retrata a vida de várias personagens, habitantes da Cidade de Deus, uma das principais e mais violentas favelas no Rio de Janeiro, sob a perspectiva do protagonista Buscapé (Alexandre Rodrigues). Rodeado por situações envolvendo violência e criminalidade, Buscapé busca viver afastado do crime e sonha melhorar sua condição social através de seu *hobby*, a fotografia.

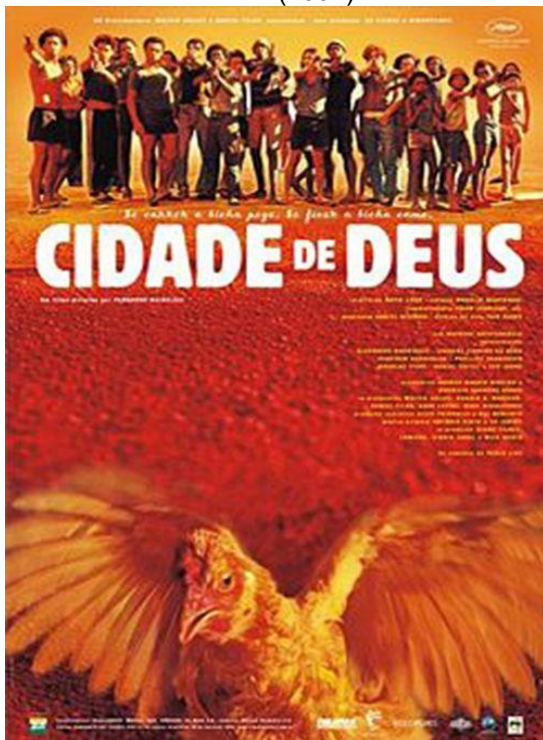
Através das narrativas de Buscapé, o filme leva os espectadores a acompanharem a trama tecida de várias situações que oscilam entre acontecimentos passados (década de 60) e presentes (década de 80) de seus personagens. Assim, são apresentados personagens icônicos interpretados com atuações marcantes, como Marreco (Renato de Souza), irmão mais velho de Buscapé que nos anos 1960, ao lado de Cabeleira (Jonathan Haagensen) e Alicate (Jefechander Suplino), formava um trio de ladrões que aterrorizavam a comunidade; a garota Angélica (Alice Braga), por quem Buscapé é apaixonado; Bené (Phellipe Haagensen), o melhor amigo do protagonista; os chefes do crime que disputam o domínio do tráfico, Cenoura (Matheus Nachtergaele) e Zé Pequeno (Leandro Firmino), que na infância era conhecido como Dadinho (Douglas Silva); o ex-cobrador de ônibus que se tornou um criminoso frio e cruel, Mané Galinha (Seu Jorge); entre outros.

O desenrolar do filme e os entrelaçamentos entre as diversas situações apresentadas, conferem à obra a sua qualidade artística e a abordagem sensível e, ao mesmo tempo, crua, da realidade das periferias cariocas e da desigualdade social brasileira.



RELICI

FIGURA 13. Cartaz de cinema de “Cidade de Deus” (2002)



Fonte: <<https://www.papodecinema.com.br/?s=cidade+de+deus>>. Acesso em 09 out. 2021.

FIGURA 14. Douglas Silva, como Zé Pequeno criança



Fonte: <<https://www.papodecinema.com.br/?s=cidade+de+deus>>. Acesso em 09 out. 2021.

Ainda em 2002, “Xuxa e os duendes 2”, de Paulo Sérgio Almeida, Rogério Gomes e Márcio Vito foi o segundo filme nacional com maior bilheteria, alcançando o número de 2.301.152 espectadores. No ano seguinte, destacou-se em termos de bilheteria, críticas e premiações, o filme “Carandiru”, de Hector Babenco, com mais de 4.600.000 espectadores e diversos prêmios. Em 2004, os filmes biográficos “Cazuza – O tempo não para”, dos diretores Sandra Werneck e Walter Carvalho; e “Olga”, de Jayme Monjardim, levaram aos cinemas um público com mais de 3 milhões de pessoas cada um.

No ano de 2005, o filme “2 filhos de Francisco”, de Breno Silveira, foi o maior recordista de bilheteria do cinema nacional do período da retomada, atingindo o número de 5.319.677 espectadores. Esse longa-metragem teve várias indicações no



RELICI

78

Grande Prêmio do Cinema Brasileiro em 2006, sendo premiado nas categorias Melhor Ator (Ângelo Antônio), Melhor Ator Coadjuvante (José Dumont), Melhor Atriz Coadjuvante (Paloma Duarte) e Melhor Som (Caetano Veloso e Zezé di Camargo).

A trama do filme conta a trajetória da dupla sertaneja Zezé di Camargo e Luciano, do anonimato até o grande sucesso na música brasileira. Francisco (Ângelo Antônio), um lavrador simples e pobre, vive no interior de Goiás com sua esposa Helena (Dira Paes) e seus nove filhos. O sonho de Francisco é tornar dois de seus filhos, Mirosmar (Dáblio Moreira na infância e Márcio Kieling adulto) e Emival (Marcos Henrique) em uma dupla sertaneja. Os meninos são motivados pelo pai a tocarem instrumentos, cantar e se apresentarem em pequenos espetáculos da região. Quando a família é obrigada a se mudar para Goiânia, a dupla Mirosmar e Emival começa a fazer sucesso, apesar de todas as dificuldades e sacrifícios ao longo da trajetória artística.

Certo dia, Emival morre devido a um acidente automobilístico. Com a morte do irmão, Mirosmar fica muito abalado, mas decide seguir em carreira solo, agora com o nome artístico de Zezé di Camargo. Porém, sozinho, Zezé não obtém sucesso e passa por dificuldades para sustentar sua família. É então que outro de seus irmãos, Welson (Wigor Lima) sob o nome artístico de Luciano, se junta a ele e iniciam uma das mais bem sucedidas duplas da música sertaneja e romântica do país.



RELICI

FIGURA 15. Capa do DVD de “2 filhos de Francisco” (2005)



Fonte: <<https://www.papodecinema.com.br/filmes/2-filhos-de-francisco-a-historia-de-zeze-di-camargo-luciano/detalhes/>>. Acesso em 09 out. 2021.

FIGURA 16. A família de Zezé di Camargo e Luciano interpretada pelo elenco do filme



Fonte: <<https://www.papodecinema.com.br/filmes/2-filhos-de-francisco-a-historia-de-zeze-di-camargo-luciano/detalhes/>>. Acesso em 09 out. 2021.

No mesmo ano, “Xuxa e o tesouro da cidade perdida”, de Moacyr Góes, foi assistido no cinema por mais de 1.300.000 pessoas. A terceira maior bilheteria, com mais de 960.000 espectadores foi a de “O casamento de Romeu e Julieta”, dirigido por Bruno Barreto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse artigo foi possível compreender a chamada retomada do cinema brasileiro, iniciada nos primeiros anos da década de 1990. Após um período difícil e marcado por uma profunda crise durante o governo Collor, a indústria e as produções de cinema no Brasil conseguiram retomar seu prestígio e, gradativamente, foram conquistando as aclamações da crítica e do público.



RELICI

80

Em um período de dez anos (1995 a 2005) foram várias as narrativas, os gêneros, os recursos estéticos e artísticos dos filmes nacionais, que passaram a delinear uma linguagem própria do cinema brasileiro. Auxiliadas por leis de fomento e incentivo à cultura, como a Lei do Audiovisual, por exemplo, as produções cinematográficas brasileiras viveram um período próspero, que marcou a história do cinema no país.

De produções árduas, com críticas ferrenhas a questões sociais, até filmes voltados ao entretenimento, como os produzidos e estrelados por artistas da televisão, a retomada não foi um período homogêneo e sem dificuldades. No entanto, apresentou filmes muito importantes, que projetaram o cinema brasileiro para o resto do mundo.

## REFERÊNCIAS

BORGES, Danielle dos Santos. **A retomada do cinema brasileiro**: uma análise da indústria cinematográfica nacional de 1995 a 2005. 2007. 170 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade Autônoma de Barcelona, Barcelona (ES), 2007.

GALVÃO, Alexander Petez. **O cinema brasileiro da retomada**: a auto sustentabilidade é possível?. 2003. 234 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia; Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

GARBERO, Maria Fernanda; OLIVEIRA, Luiz Sérgio; FREIRE, Rafael de Luna. Arte e cultura no tempo presente (1985-2016). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida. **O Brasil Republicano 5**: o tempo da nova República: da transição democrática à crise política de 2016. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 299-352.

GATTI, André. O mercado cinematográfico brasileiro: uma situação global? In: MELEIRO, Alessandra (Org.). **Cinema no mundo**: indústria, política e mercado. América Latina volume II. São Paulo: Escrituras, 2007. p. 99-144.



RELICI

81

GETINO, Octavio. As cinematografias da América Latina e do Caribe: indústria, produção e mercados. In: MELEIRO, Alessandra (Org.). **Cinema no mundo: indústria, política e mercado. América Latina volume II.** São Paulo: Escrituras, 2007. p. 23-64.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.